

UMA LEITURA CRÍTICO-REFLEXIVA, PELA PERSPECTIVA DE GÊNERO, DOS CONTOS “A CELA UM” E “RÉPLICA”, DA ESCRITORA NIGERIANA CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

A CRITICAL-REFLEXIVE READING FROM THE GENDER PERSPECTIVE OF THE “CELL ONE” AND “IMITATION” STORIES BY THE NIGERIAN WRITER CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

Eliane Cristina Testa 1
Leomar Alves de Sousa 2

Resumo: Este trabalho apresenta uma leitura crítico-reflexiva, pela perspectiva de gênero, dos contos “A Cella Um” e “Réplica”, da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, publicados no livro “No seu pescoço” (Companhia das Letras, 2017). A partir dos pontos de vista das personagens femininas, presentes em ambos contos, discutiremos suas posturas, crenças e seus comportamentos em relações de gênero. Metodologicamente utilizaremos a obra “Como analisar narrativas”, de Cândida Vilares Gancho, para a nossa análise. Como subsídio teórico, utilizaremos os seguintes autores, a saber: Adichie (2015), Gotlib (2004), Bonnici (2012), Ribeiro (2017/ 2018) e Davis (2016/ 2018). De modo geral, o que percebemos a partir das leituras dos contos, é que nos contextos familiares nigerianos há uma preponderância do universo masculino, porém, em dados momentos, a mulher é capaz de mostrar uma certa autonomia. Contudo, o que parece sobressair ainda é a vontade do homem, seus desejos e sua voz.

Palavras-chave: Chimamanda Ngozi Adichie. Contos Nigerianos. Autonomia. Mulher.

Abstract: This work presents a critical-reflexive reading from the gender perspective of the stories “Cell One” and “Imitation” by the Nigerian writer Chimamanda Ngozi Adichie, which are published on the book “The Thing Around Your Neck”. (Companhia das Letras, 2017). From the points of view of the feminine characters that are present in both stories, we will discuss their positions, beliefs and behaviors in relation to gender. Methodologically, we will use the work “Como analisar narrativas” from Cândida Vilares Gancho to do our analysis. As a theoretical framework, we use the following authors: Adichie (2015), Gotlib (2004), Bonnici (2012), Ribeiro (2017/ 2018) and Davis (2016/ 2018). In general, we perceive from reading the stories that in familial Nigerian contexts there is a preponderance of the masculine universe, however, the woman is able to demonstrate some autonomy in some moments. Nevertheless, what still seems to emerge is the will of the man, his desires and his voice.

Keywords: Chimamanda Ngozi Adichie. Nigerian stories. Autonomy. Woman.

Doutorado em Comunicação e Semiótica (PUC/SP - 2015), 1
Mestrado em Letras pela UEL- Universidade Estadual de Londrina (2002).
Atualmente é professora de Literatura Portuguesa do Curso de Letras, da
Universidade Federal do Tocantins /UFT/campus de Araguaína. E-mail:
poetisalia@gmail.com

Possui graduação em Letras pela Universidade Federal do Tocantins 2
(2005). Especialista em Língua Portuguesa e Literatura pela Faculdade Rio Sono
(2012). Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Língua e
Literatura (PPGL), na Universidade Federal do Tocantins, campus de Araguaína-
TO. É servidor público efetivo da Educação do Estado de Tocantins. E-mail:
ramoel05@gmail.com

A meu ver, feminista é o homem ou a mulher que diz: “Sim, existe um problema de gênero ainda hoje e temos que resolvê-lo, temos que melhorar”. Todos nós, mulheres e homens, temos que melhorar.

Chimamanda Ngozi Adichie

Introdução

Esta leitura crítico-reflexiva, pela perspectiva de gênero, dos contos “A cela um” e “Réplica”, do livro “No seu pescoço” (Companhia das Letras, 2017), da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, não se pretende fechada, acabada ou conclusiva. Antes disso, deseja iluminar alguns pontos relevantes destas narrativas, trazendo à luz questões urgentes que problematizem a mulher em relações de gênero. Como nos lembra Leyla Perrone-Moisés (2016, p. 254-255), “[...] falar da literatura de seu próprio tempo é um risco, porque não temos suficiente distância de nosso objeto, e a imagem que dele podemos dar é sempre parcial e incompleta”. Nesse sentido, incorremos, nessa análise (que também não deixa de ser “subjéctiva” de algum modo), ao risco, a algumas formulações desse gesto de “escrivência” (para usarmos um termo cunhado afetivamente pela escritora brasileira Conceição Evaristo), de Adichie.

Apresentaremos, mesmo que de modo breve, os dois contos selecionados como *corpus* deste trabalho. “A cela um” é narrado em primeira pessoa, pela irmã do personagem Nnamabia, que é um personagem, aliás, bastante complexo. Nnamabia é um jovem adolescente, que em determinados momentos age com um certo impulso de desregramento, principalmente, sob a ótica das convenções sociais e familiares, no contexto nigeriano. Apesar de suas atitudes inesperadas (mas, que estão de acordo com algumas posturas de outros jovens do seu convívio, como podemos constatar na narrativa), sua mãe (personagem não nomeada no conto), acata seus modos, defende suas atitudes/posturas, o protege de todas as formas por ser ele um filho homem. A irmã de Nnamabia (que também não tem nome no conto), pelo seu próprio discurso expressa sua reprovação quanto ao tratamento “especial” que seus pais concedem a ele.

O conto “Réplica”, narra a história de Nkem e Obiora. Nkem, mãe de Adanna e Okey (que é três anos mais novo que a irmã Adanna), mora nos Estados Unidos, numa bela casa, e é sustentada por seu marido Obiora (que é um empresário bem-sucedido na Nigéria). Porém, Obiora tem mais uma casa em Lagos (Nigéria), onde mantém um relacionamento com outra mulher de aproximadamente vinte anos. Nkem fica sabendo do relacionamento do marido por uma “suposta” amiga chamada Ijemamaka. Após a revelação, Nkem revê sua vida, seu relacionamento e quer decidir “algo”. Porém, no final do conto vemos que não há saída para o “desejo” de Nkem, Obiora não se dispõe a ouvi-la, muito menos “conversar” (dialogar) para dar a ela autonomia a seu lugar de fala¹ ou algum poder de decisão.

Apesar de termos selecionado apenas dois contos da obra “No seu pescoço” (2017), gostaríamos de destacar que esse livro nos impacta pelas profundas ressonâncias que ele é capaz de efetivar ou de despertar em nós. Dentro de suas lógicas narrativas e dos múltiplos possíveis que ecoam nas/pelas histórias, os contos, nos parecem que expressam um material de interesse humano. Nádia Battella Gotlib, em *Teoria do conto* (2004, p. 11) ressalta que contos podem falar “[...] de nós, para nós, acerca de nós: “e é em relação com um projeto humano que os acontecimentos [dentro da narrativa] tomam significação [...]”. Assim, a partir de uma escritura fluída, móvel, plural e cheia de significação, é que a escritora nigeriana consegue manter-nos em estado de excitação; a linguagem parece uma impressão vívida e mais próxima ao “real”, beirando a oralidade, pelo menos, em vista dos aspectos dispostos nas narrativas, que nos lembram uma mistura de força da palavra, de *feelings*, de sensações, de percepções, de revelações, de acontecimentos, de mistérios ou de sugestões mais íntimas.

Os doze contos que compõem a obra “No seu pescoço” (2017) nos fisga, nos capta e nos agarra por manter em nós uma tensão, favorecendo um intenso interesse também pelas relações estabelecidas por meio de um “projeto humano” (GOTLIB, 2004). Todavia, essa condição (ou

1 Segundo Djamilia Ribeiro (2017, p. 64) “O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir”.

esse modo de tratar as narrativas) só é mantida pela clareza dos textos (que parecem serem estruturados sem excessos, sem supérfluos ou sem explicações em demasia), e pelo o que eles têm a nos dizer, como nos lembra Perrone-Moisés (2016, p. 263), “[...] a maior parte da literatura narrativa contemporânea tem se reaproximado dos leitores, voltando a contar histórias num estilo comunicativo”.

Por isso, ao mergulharmos nos contos de Adichie somos “provocados”, por suas temáticas significativas, pungentes, por seus flagrantes da vida contemporânea (com suas complexas situações, seus incidentes e nuances, por vezes, até mesmo, disparatados, absurdos e/ou surreais). As contingências dos contos, por seus procedimentos criativos formais, pelo trato com a linguagem (construída com a maior intensidade de energia e de (re)encantamento), tão necessárias aos bons relatos, em seus modos singulares de organização, físgam o leitor para fazer um mergulho no universo humano.

Como observamos no conto “*Jumping monkey hill*” é “[...] preciso olhar para o conto como um todo, não em partes, [...], mas cada parte tinha que fazer sentido para formar um todo que fizesse sentido”. (ADICHIE, 2017, p. 117). Claro, tudo isso, dentro de um sistema de relações e de conexões em que a escrita discorre num à vontade que nos prende e nos aproxima, às vezes, em forma de *zoom* ou de *looping*, afetando-nos na nossa recepção e percepção de mundo.

Chimamanda Ngozi Adichie e a abordagem de questões de gêneros em sua escrita

Nascida em Enugu, na Nigéria, em 1977, Chimamanda Ngozi Adichie tem se destacado pela sua literatura feminista, de luta pelas mulheres. Tem obras traduzidas em vários países (mais de trinta). Adichie trata de temas muito atuais, dentre eles: imigração, transculturalismo, violências contra a mulher, relações familiares marcadas pelo patriarcalismo, que refletem questões complexas, típicas das sociedades contemporâneas. Porém, ressaltamos que seu *leitmotiv* se volta para as questões de mulher, ou melhor, para as diferentes situações que permeiam as mulheres em relação de gênero. Atualmente, a autora vive entre a Nigéria e os Estados Unidos. Como comenta Ana Claudia Oliveira Neri Alves e Elio Ferreira de Souza, a seguir:

Chimamanda é hoje uma das vozes do continente africano na construção da sua nova identidade e atua na tentativa de desconstrução dos estereótipos acerca de seu povo, escrevendo sobre a África numa perspectiva transcultural, em que as diversas identidades dos sujeitos africanos são compreendidas nas relações de alteridade, nos conflitos internos marcados pela experiência da independência e pela influência externa do neoimperialismo e da globalização. (ALVES e SOUZA, 2018, p.87)

Desse modo, a escritora nigeriana assume importante posição de representatividade das questões concernentes à realidade dos povos africanos, com ênfase nas vivências das mulheres nigerianas, que ainda são submetidas aos fortes traços de uma cultura patriarcal, imperialista, em que elas (mulheres) não usufruem dos mesmos direitos que os homens nas relações sociais. Nessa perspectiva, Adichie aborda em sua literatura situações vividas por personagens negras, não apenas no contexto da Nigéria, mas também enquanto em situação de migração para os Estados Unidos, configurando a diáspora transcultural, como veremos o caso da personagem Nkem, do conto “Réplica”.

Ao afirmar que “Nós evoluímos. Mas nossas ideias de gênero ainda deixam a desejar.” (ADICHIE, 2015, p.21), a escritora nigeriana toca em uma questão que é tratada com veemência em sua obra e, em seus discursos, por onde ela palestra: a questão de gênero. Também na obra “Sejamos todos feministas” (que é uma versão modificada de uma palestra que Adichie proferiu em dezembro de 2012, no TEDxEUSTON (EUA), numa conferência anual sobre a África), a autora nos apresenta uma mulher com uma postura politizada nas relações de gêneros, em que ela expõe e defende um pensamento de reconhecimento de si própria, que vai além da igualdade de gêneros. Por isso, Adichie prescreve que a mulher tenha o reconhecimento de si própria como algo

indispensável à afirmação feminina nas relações sociais.

Ainda em “Sejamos todos feministas”, Adichie conclui que “Perdemos muito tempo ensinando as meninas a se preocupar com o que os meninos pensam delas. Mas o oposto não acontece. Não ensinam os meninos a se preocupar em ser “benquistos”. (ADICHIE, 2015, p.27). A partir dessa ideia, percebemos no conto “A cela um”, uma sobreposição de vantagens do homem (o jovem-garoto, Nnamabia) sobre a mulher (a personagem, irmã), nas relações familiares, que parece gozar de privilégios, em especial, vindos da mãe que parece ter uma aprovação total de seus atos (por vezes, bastante transgressores diante das convenções sociais e familiares).

Vejamos, a seguir, um fragmento do livro “A liberdade é uma luta constante” (2018), de Angela Davis,

[...] não se apegue demais ao conceito de gênero. Porque, na verdade, quanto mais de perto o examinamos, mais descobrimos que ele está enraizado em um leque de construções sociais, políticas, culturais e ideológicas. Não é uma coisa só. Não há uma definição única, e certamente o gênero não pode ser descrito de forma adequada como estrutura binária em que o “masculino” é um polo, e o “feminino”, o outro.” (DAVIS, 2018, p.97)

Em consonância com o que Davis (2018) nos adverte, na citação acima, constatamos que os contextos sociais/familiares de “A cela um” e de “Réplica”, assim como nos demais contos do livro “No seu pescoço” (mesmo que não estejam sendo analisados, nesse trabalho), evidenciam diferentes situações que extrapolam a oposição homem x mulher, nos levando a refletir os múltiplos conflitos que emergem das relações de gênero, não apenas pela relação binária, pensando de um ponto de vista de situações “reais”, que podem estar sendo silenciados, sobretudo, nos ambientes familiares ou sociais.

No percurso de escrita de Adichie, como ocorre nos contos “A cela um” e “Réplica” analisados, percebemos a mulher negra em diferentes relações familiares agindo em momentos determinantes das narrativas, no sentido de alcançar o empoderamento feminino.

Discutindo o empoderamento feminino no livro “Quem tem medo do feminismo negro?” (Companhia das Letras, 2018), a filósofa brasileira Djamilia Ribeiro, o define assim:

É promover uma mudança numa sociedade dominada pelos homens e fornecer outras possibilidades de existência e comunidade. É enfrentar a naturalização das relações de poder desiguais entre gêneros e lutar por um olhar que vise a igualdade e o confronto com os privilégios que essas relações destinam aos homens. É a busca pelo direito à autonomia por suas escolhas, por seu corpo, por sua sexualidade. (RIBEIRO, 2018, p.136)

Nesse sentido, em “A cela um”, a personagem-narradora que não é nomeada, vive no contexto familiar situações “corriqueiras” em que seu irmão Nnamabia sempre goza de privilégios pelo fato de ser o filho homem e primogênito. Privilégios estes que são concedidos pelos seus pais, como marca e afirmação de uma sociedade africana com fortes traços patriarcalistas.

Já no conto “Réplica”, vemos a personagem Nkem em constantes situações de silenciamento, em que prevalecem sempre as vontades de seu marido Obiora, de modo que ela parece viver e se comportar quase que exclusivamente para agradá-lo. Vejamos, a seguir, um comentário de Ribeiro (2018) sobre o silenciamento:

A questão do silêncio também pode ser estendida a um silêncio epistemológico e de prática política dentro do movimento feminista. O silêncio em relação à realidade das mulheres negras não as coloca como sujeitos políticos. [...] a combinação de opressões coloca a mulher negra num lugar no qual somente a interseccionalidade permite uma verdadeira prática, que não negue identidades em detrimentos de outras. (RIBEIRO, 2018, p. 125)

Por meio da construção destas duas personagens, Adichie nos leva à reflexão acerca de

diferentes relações sociais, sobretudo, nos ambientes familiares, em que as mulheres negras vivem e convivem em situações de subalternidade em relação aos homens, que na sociedade Nigeriana, a exemplo de outras sociedades africanas, assumem posições privilegiadas, principalmente, na manutenção e na preservação de modelos sociais patriarcais.

A mulher em construção diaspórica e o fenômeno de transculturação

No conto “Réplica”, verificamos que a personagem Nkem encontra-se em um contexto de diáspora transnacional, que de acordo com Thomas Bonnici (2012), consiste:

[...] num fenômeno verificado após a II Guerra Mundial, quando milhares têm se deslocado devido à falta de habitação, a péssimas condições de viver, à fome, às guerras civis, à procura e emprego, às oportunidades para estudos acadêmicos e em busca de conforto e benesses. (BONNICI, 2012, p. 59).

Apesar de Nkem ter passado algumas privações na infância “[...] quem tinha um alimento, fosse ele qual fosse, pegava e engolia” (ADICHIE, 2017, p. 32), a sua construção de diáspora está mais ligada a “busca de conforto e benesses”, como afirma, acima Bonnici (2012).

Além disso, vemos que o processo diaspórico da personagem, também se constrói, a partir de sua condição de mulher casada “Ela [Nkem] estava grávida quando foi aos Estados Unidos com Obiora pela primeira vez” (ADICHIE, 2017, p. 31). Diante da situação de “gravidez” (Nkem terá seu bebê nos Estados Unidos), seu marido alugou uma casa, depois a comprou, sendo essa uma casa nos moldes americanos.

Bonnici (2012) destaca que há um número grande de pessoas que desejam integrar a diáspora transnacional. Talvez, Obiora represente esse fenômeno de desejo diaspórico. Contudo, parece-nos que um sentimento de duplo deslocamento persiste em Nkem, apesar do seu processo de transculturação, que é um tipo de negociação de culturas, de acordo com Bonnici (2012). Leia-se o seguinte fragmento do conto:

“Nós moramos num lindo subúrbio perto da Filadélfia”, disse ela por telefone às amigas de Lagos. Mandou-lhes fotos dela e de Obiora diante do Sino da Liberdade, escrevendo, orgulhosa, “muito importante na história americana” no verso e enfiando nos envelopes panfletos lustrosos com imagens de um Benjamin Franklin calvo. (ADICHIE, 2017, p. 31)

Analisando esse trecho, verificamos uma zona de contato e de afirmação do sujeito em processo de transculturação. Conforme lembra a pesquisadora Elaine de Almeida (2009) “A esse processo de contato, presente no jogo da dominação, imposto, sobretudo, pelo empreendimento colonial, o antropólogo Fernando Ortiz dá o nome de transculturação (temo proposto em 1940)”. (ALMEIDA, 2009, p. 92). Almeida, a seguir, enfatiza que:

Esse processo se daria em três momentos: a desculturação, onde há a perda dos componentes culturais do povo dominado; logo, a incorporação de uma cultura externa imposta e, por fim, uma neoculturação, ou seja, a articulação dos elementos culturais originais junto aos externos adquiridos. (ALMEIDA, 2009, p. 92)

Especificamente no conto “Réplica”, a personagem Nkem e seus filhos passam por este processo de transculturação, uma vez que estão se integrando aos modelos culturais americanos: “Nkem nunca tinha imaginado seus filhos na escola, sentados ao lado de crianças brancas cujos pais eram donos de mansões em colinas solitárias, nunca tinha imaginado aquela vida”. (ADICHIE, 2017, p.34)

Observamos, ainda, em outro trecho: “Mas ela sabia que ele também queria que seus filhos fossem como os filhos dos vizinhos, o tipo de criança que virava a cara para a comida que tinha

caído no chão, dizendo que estava “suja” (ADICHIE, 2017, p. 31). Nessa parte do conto, podemos verificar que é ele, Obiora, quem queria que os seus filhos fossem integrados “fossem como” ou totalmente integrados à cultura do novo lar. Mas, será que ela, Nkem, queria esta interação nestes modelos culturais? Teria ela se desvincilhado totalmente de sua infância pobre junto à sua família, na Nigéria? Apesar de percebermos que há um certo conflito em Nkem, é ela quem diz que: “[...] tinha aprendido a amar nos Estados Unidos, a abundância de **esperanças absurdas** (grifo nosso) (ADICHIE, 2017, p. 33).

Refletindo acerca da expressão “esperanças absurdas”, podemos indagar se elas não seriam oriundas de um modelo ou de um sistema capitalista (normalmente excludente e racista com as pessoas da diáspora); em que é mais importante o “ter” que o “ser”. Esse sistema é comumente atravessado por diferentes conflitos nos quais, de acordo Bonnici (2012): “[...] há um embate entre o sujeito diaspórico e o ambiente cultural de um país industrializado, frequentemente hegemônico, racista e objetificador do outro diferente” (BONNICI, 2012, p. 60). Deste modo, o que cabe à acomodação de povos diaspóricos envolve também diferentes questões de gênero, de “raça” e de classe, mas também há intersecções² incorporadas ao discurso do feminismo negro.

Enfatizando mais as questões de gênero, podemos perceber que elas estão relacionadas a diferentes processos de opressões, como aponta Ribeiro, no prefácio à edição brasileira, do livro “Mulheres, raça e classe” (DAVIS, 2016), em que as mulheres negras passam por um processo de (re)construção de uma nova “utopia”, buscando ocupar espaços para romper com as lógicas opressoras. Angela Davis (2016), destaca que esse processo representa “[...] a luta das mulheres negras e de todas mulheres em busca de emancipação”. (DAVIS, 2016, p. 17).

Bonnici (2012) apresenta uma outra escritora nigeriana, chamada Emecheta Buchi, que parece sair na mesma defesa que Adichie, conforme citação abaixo:

a autora nigeriana Emecheta Buchi (n. 1944) se concentra numa perspectiva feminista mais autêntica, focalizada na exploração da mulher pelo homem africano e nas suas lutas pela liberdade [...] sua primeira preocupação envolve a mudança social em que a mulher terá o poder na sociedade. (BONNICI, 2012, p. 178)

Essa reflexão indica a luta das mulheres em busca de maior autonomia e de liberdade, na sociedade nigeriana, bem como os modos de resistência em romper com um estado, em que a mulher, às vezes, é vista apenas como uma sombra do homem. Essa luta é em busca de transformações das condições sociais e políticas nigerianas. Nesse ponto questiona-se: como o título do conto liga-se a Nkem? Vejamos, a seguir, o final do conto:

Nós podemos passar férias aqui, juntos”, diz Nkem, com ênfase na palavra “nós”.

“Mas... por quê? pergunta Obiora.

“Eu quero saber quando chega um empregado novo na minha casa”, diz ela. “E as crianças precisam de você.”

“Se é isso que você quer”, diz Obiora, após alguma hesitação. “Nós podemos conversar.”

Ela o vira de costas gentilmente e continua a ensaboá-lo. Não é preciso conversar sobre mais nada, Nkem sabe. Está decidido”. (ADICHIE, 2017, p. 49)

A partir desse final, percebemos que não há “réplica” para Nkem; não haverá contra-argumento, pois, seu marido se cala e está tudo “decidido”. A constatação é: será do jeito que ele quer, é a vontade dele que impera. Mesmo Nkem tendo reunido forças para falar das suas vontades “[...] é o que ela sempre **quis dizer** (grifo nosso)” (ADICHIE, 2017, p. 49), assim, não haverá réplica. Constatamos a anulação de Nkem “[...] ele nunca a ouviu erguer a voz, nunca a ouviu tomar uma decisão”. (ADICHIE, 2017, p. 49). Contudo, percebemos que é um modo de anulação forçada, pois ela está sob o peso do homem, “[...] o fato de ela adiar-se tanto, de deixar que ele falasse pelos

2 Segundo Patricia Hill Collins (2017, p. 07) “A interseccionalidade pode ser vista como uma forma de investigação crítica e práxis, precisamente, porque tem sido forjada por ideias de políticas emancipatórias.

dois” (ADICHIE, 2017, p. 49). Dessa maneira, não há um “nós” no relacionamento, mas um “ele-e-suas-vontades”, o que há são seus “mandos-e-desmandos”. Até mesmo a aparência da mulher é moldada para ser do modo que Obiora quer. Vejamos, a seguir, o seguinte trecho:

Ela planejara retocar o relaxante no dia seguinte, e fazer um penteado deixando o pescoço definido, do jeito que Obiora gosta. E, na sexta-feira, planejara depilar seus pelos pubianos com cera até deixar apenas uma listra estreita, do jeito que Obiora gosta. (ADICHIE, 2017, p. 34-35)

Tudo parece ter que estar de acordo com as vontades de Obiora ou “do jeito que Obiora gosta”. Além disso, Nkem, nessa condição de esposa, obterá um status de “original” e terá a sua “réplica” na Nigéria, pois é lá que Obiora mantém uma namorada: “[...] a garota de cabelo curto e encaracolado” (ADICHIE, 2017, p. 38). A “réplica”, no contexto do conto está ligada à questão das máscaras: a do Benin “[...] cor de cobre, com feições abstratas, grandes demais”. (ADICHIE, 2017, p. 30), e ligada à “[...] cabeça de bronze de Ifé que Obiora lhe disse ser, na verdade, feita de latão [...] É a primeira peça original que Obiora trouxe”. (ADICHIE, 2017, p. 46).

Simbolicamente a máscara do Benin aparece no início do conto quando Nkem “[...]” está fitando os olhos esbugalhados e oblíquos da máscara do Benin que fica sobre a lareira da sala quando **descobre** (grifo nosso) que o marido tem uma namorada”. (ADICHIE, 2017, p. 29). Nesse contexto, Nkem é informada desse fato por uma “suposta” amiga Ijemamaka, que parece ter prazer em relatar o caso do seu marido, demonstrando, talvez, uma ausência de sororidade, quando declara “Digo, Obiora é um bom homem, é claro, [...]” (ADICHIE, 2017, p. 29), mas para quem ele seria um bom homem? E, por quê?

Nkem, no conto parece “estar” em crise, pois vê-se num conflito de espaço físico/psíquico e cultural, como observamos no seguinte trecho:

Mas, Nkem sente falta de seu país, de suas amigas, da cadência do igbo, do iorubá e do inglês pidgin sendo falado ao seu redor. E quando a neve cobre o hidrante amarelo na rua, ela sente falta do sol de Lagos, que ofusca os olhos mesmo quando chove. Às vezes, Nkem pensa em voltar para a Nigéria, mas nunca de maneira séria, concreta [...] Os Estados Unidos a conquistaram, se enraizaram sob sua pele. (ADICHIE, 2017, p. 45)

Vemos que embora a personagem Nkem esteja aparentemente bastante integrada a esse processo de diáspora e de transculturação, propiciado, sobretudo, pela vida confortável fruto do casamento com Obiora, em que vive uma insustentável situação de dependência do marido que causa a anulação de sua voz e de expressão de seus desejos enquanto mulher. Sobre essa questão da restrição da voz e de hierarquização social, Ribeiro (2017) comenta:

O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir. Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquização social. Quando falamos de direito à existência digna, à voz, estamos falando de como esse lugar imposto dificulta a possibilidade de transcendência. (RIBEIRO, 2017, p.64)

Essa condição de Nkem, também em seu processo de transculturação, traz a ela um desconforto, uma certa tensão dramática, acentuada, principalmente, pelo isolamento, uma vez que sua convivência se limita aos seus filhos ainda pequenos e a sua empregada, Amaechi (que parece extrapolar as relações entre patroa e empregada, mas isso se dá mais pelo contexto de isolamento de Nkem), o que pode ser confirmado pelo seguinte fragmento:

A diferença entre patroa e empregada tinha se tornado mais difícil de discernir nos últimos anos, desde que Amaechi começara a trabalhar lá. É isso que os Estados Unidos fazem

com você, pensa ela. Eles causam uma igualdade forçada. Você não tem ninguém com quem conversar de verdade, a não ser seus filhos pequenos, por isso acaba falando com a empregada. E, quando se dá conta, ela virou sua amiga. Sua igual. (ADICHIE, 2017, p. 37)

Porém, o que estaria por trás dessa situação? Podemos levantar duas hipóteses: a primeira, a empregada também nigeriana representaria um ponto de contato com a língua em relação às crianças. A segunda, os custos mais elevados para manter uma empregada americana. Lembrando de algumas discussões de Davis (2016), podemos apontar que muitas mulheres no período da escravidão e da pós-escravidão em alguns países viviam involuntariamente nas casas onde eram empregadas, o que percebemos no conto é que a situação ainda é de exploração, pois os emigrantes nigerianos (particularmente os maridos abastados) “[...] nos arrumam empregadas da Nigéria para quem não temos que pagar esses salários absurdos dos americanos [...]” (ADICHIE, 2017, p. 36).

Retomando a questão do isolamento de Nkem, percebemos um estado de abandono em relação a ela, uma vez que Obiora a visita apenas duas vezes por ano. Ouvimos na fala de uma personagem (Ifeyinwa ou lfeoma?) a seguinte declaração: “Nossos homens gostam de nos manter aqui. “[...] Eles vão para casa para trabalhar ou passar férias, deixam a gente e as crianças com casas e carros enormes [...]” (ADICHIE, 2017, p.36). Obiora parece ser mais uma visita do que um companheiro (ou aquilo que se espera de um marido), pois não assume as suas responsabilidades como pai em termos de afetividade.

Ribeiro (2017), rememora um diagnóstico da pensadora Simone de Beauvoir, comentando que: “[...] a relação que os homens mantêm com as mulheres seria esta: da submissão e dominação, pois estariam enredadas na má-fé dos homens que as veem e as querem como um objeto. (RIBEIRO, 2017, p.36). Desse modo, na posição de esposa que só é visitada duas vezes ao ano, Nkem encontra-se nessa condição de mulher considerada mais um objeto do que uma mulher autônoma.

Observamos no decorrer da narrativa que Nkem parece estar em situações de abandono e de isolamento, enquanto esposa de um rico empresário que mora na Nigéria e a mantém “confortavelmente” nos Estados Unidos. Nkem é levada (ou condicionada) a viver de modo a satisfazer os gostos e os desejos de Obiora. Isso é uma nítida representação das relações patriarcais que marcaram e, ainda, marcam as sociedades africanas ao longo de suas histórias, em que há recorrência da submissão da mulher nas relações de gênero.

Nkem ao “descobrir” que o marido tem uma amante e em seu retorno ao lar, ela vai desconstruir o “modelo” de corpo que o agradava: ela corta o cabelo num ato de rebeldia para confrontá-lo. Vejamos, a seguir, o diálogo entre eles:

“Por que você cortou o cabelo?”, pergunta Obiora.

“Você não gostou?”

“Eu adorava seu cabelo comprido.”

“Você não gosta de cabelo curto?”

“Por que você cortou? A nova tendência nos Estados Unidos?” (ADICHIE, 2017, p. 47)

Além do cabelo, Nkem também não vai fazer a depilação como o agradava, numa tentativa de mostrar certa autonomia, pois até a descoberta que Obiora tinha e mantinha uma amante, tudo era absolutamente como ele determinava. Apesar do final indiciar para uma abertura de sentidos, o leitor-receptor pode entre suas hipóteses supor que prevalece a voz e as decisões do homem.

“A cela um” apresenta uma garota (mais nova que o irmão), com uma percepção bastante aguçada, conforme comprovamos no seguinte fragmento: “Os pelos do meu corpo todo se arrepiaram. Eu sabia que havia algo de errado.” (ADICHIE, 2017, p. 24). Ela percebia todo o jogo complexo de falcatruas e de dissimulações que fazia seu irmão, como vemos no trecho: “[...] fiquei sozinha no meu quarto e entendi o que era aquele enjoo na boca do estômago: Nnamabia tinha feito aquilo, eu sabia, meu pai também sabia.” (ADICHIE, 2017, p. 10). Nesse sentido, ela vai inferindo que ao seu irmão é concedido toda uma esfera de proteção e de privilégios por ele ser homem. Conforme os argumentos de Bibian Pérez Ruiz (2018), que explicita que:

As relações familiares nas sociedades pós-coloniais patenteadam um nível de tensão, de conflito e de *stress* crescente,

principalmente entre gerações diferentes, estando algumas das suas manifestações associadas às relações materno-filiais ou ao ataque a mitos e crenças relativos ao amor maternal. (RUIZ, 2018, s/p)

Nessa perspectiva, em “A cela um”, as percepções da irmã de Nnamabia acerca de sua conduta rebelde e dos privilégios que os pais lhes concediam, representa uma tensão “muda” da garota em relação a seus familiares, sobretudo, em relação à mãe, que se cala em apoio as ações do garoto. Essa tensão é “muda” até certo ponto quando a garota resolve rebelar-se contra o protecionismo dos pais a Nnamabia, conforme vemos, a seguir, nesse trecho:

Na segunda semana, eu disse a meus pais que não iríamos visitar Nnamabia [...] fiquei sem saber o que fazer, e por isso peguei uma pedra que havia ao lado do pé de ixora e atirei-a no para-brisa do Volvo. ” (ADICHIE, 2017, p. 21)

Historicamente a sociedade Nigeriana é patriarcal, cabendo às mulheres obediência e submissão, seja pai ou esposo. Nas relações matrimoniais a esposa só adquire admiração da família do homem após gerar e dar à luz a um filho. Isso representa uma perpetuação do nome da família na figura do homem, conforme podemos constatar no conto “Amanhã é tarde demais” (ADICHIE, 2017, p. 201), como vemos, a seguir, nesse relato de uma jovem da Nigéria:

Cresci na Nigéria, em uma cultura na qual estar grávida de um menino valida uma mulher e sua família, na qual um homem ocupa inerentemente um lugar superior na sociedade, à frente da mulher. Aos 11 anos de idade, ajudei minha mãe a dar à luz a sua quinta filha, minha irmã caçula, e vi nossa mãe morrer nas

mãos de um médico incompetente. Minha mãe havia sucumbido às exigências de sua sociedade; embora já tivesse quatro filhas saudáveis, pela tradição, queria ter um filho homem, mesmo que isso custasse a sua vida. Perceber os fatores subjacentes que a sujeitavam a essa situação tão difícil projetou uma clara imagem do lugar que eu ocupava como menina na sociedade nigeriana. (AGBA, 2014, s/p)

Compreender a relação entre mãe e filho pressupõe entender o papel das mulheres na sociedade nigeriana, em que sua visibilidade, a voz e o destaque familiar/social estão condicionados à maternidade, em virtude da geração de um filho. A mãe de Nnamabia em sua proteção, mesmo sabendo das contravenções do filho diz ao pai que: “[...] Nnamabia afinal de contas já tinha dezesseis anos, e devia receber uma mesada maior. ” (ADICHIE, 2017, p. 13). Em outra parte do conto, vemos que sua mãe, por causa da detenção do filho chega ao extremo de subornar dois policiais, para que ele pudesse sair da cela e ir sentar-se um pouco com a família.

Durante várias semanas a família fazia um esforço descomunal para ir visitar o filho na prisão, até que um dia a sua irmã disse aos pais: “[...] não iríamos visitar Nnamabia”. (ADICHIE, 2017, p. 21). Desse modo, com atitude, coragem e postura de enfrentamento (pois os pais insistiam passar todas as agruras pelo filho), a filha acaba por atirar uma pedra no para-brisa do carro e “Ele rachou”. Nesse ato de ruptura das relações de gênero, a jovem consegue subverter as normas familiares, pois: “Ninguém foi ver Nnamabia naquele dia. Foi uma surpresa para mim, aquela pequena vitória”. (ADICHIE, 2017, p. 21). Destacamos que essa “pequena vitória” foi muito significativa dada a posição da mulher nas relações familiares.

Algumas considerações finais

A partir da análise das personagens femininas, que refletem alguns pontos de vista da mulher nigeriana, apresentamos e discutimos crenças e comportamentos em relações de gênero,

sobretudo, no ambiente familiar.

Em relação à produção literária pós-colonial destaca-se uma tríade: as escritoras negras que abordam questões de diáspora e de gênero. Bonnici (2006) afirma que: “A diáspora em todos os sentidos, tornou-se a característica transindividual nas ex-colônias durante as últimas décadas do século 20 e do início do século 21, afetando principalmente, as mulheres.” (BONNICI, 2006, p. 17).

O autor (2006, p. 17), também destaca que: “A representação das personagens femininas mostrará ou a superação dos problemas, ou autoexílio, o enfrentamento da diáspora transnacional (que lhes dá oportunidade para crescer) ou a liberdade de situações opressivas familiares”. Essa questão fica evidente no conto “Réplica”, em que temos duas mulheres em situações de diáspora, a personagem Nkem e a empregada Amaechi.

De modo geral, o que podemos perceber por meio das leituras dos contos, é que nos contextos familiares nigerianos há uma preponderância das normas socioculturais masculinas realçando o patriarcalismo. Contudo, em dados momentos, a mulher é capaz de mostrar certa autonomia. Mas, o que parece sobressair, ainda, é a vontade do homem, seus desejos e sua voz. Sobre essa questão Bonnici (2006) comenta o seguinte:

Em todas as ocasiões, elas enfrentam a ideologia patriarcal/colonial, representada ou por personagens concretas (pai, marido, empregadores, professores) ou pelo sistema capitalista e suas consequências (o racismo, os resquícios de apartheid, a exclusão, a subalternação). (BONNICI, 2006, p.23)

A exemplo da ativista feminista Davis, Adichie traz em sua obra questões delicadas e complexas, por isso, pertinentes à figura da mulher, principalmente, quando encontra-se em situação de subalternidade em relação ao homem. Constatamos que Adichie discute a partir de suas vivências na sociedade nigeriana, que é, nitidamente, marcada pelo patriarcalismo. No entanto, as narrativas de “A cela um” e “Réplica” assumem dimensões ideológicas que vão além da distinção e da oposição de gênero, e adquirem contornos que se entrecruzam nas relações transculturais e patriarcais, tendo como foco a família e a mulher nigeriana.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **No seu pescoço**. Trad. Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

_____. **Sejamos todos feministas**. Trad. Christina Baum. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

AGBA, Nnenna. Para as meninas da Nigéria, educação é a chave que abre as portas para o progresso. In: **ONU MULHER**. Disponível em: <<http://portal.aprendiz.uol.com.br/2014/08/06/para-as-meninas-da-nigeria-a-educacao-e-a-chave-que-abre-as-portas-para-o-progresso/>>. Acesso em 02 set. 2018.

ALMEIDA, Elaine de. O Espaço da Transculturação. **Revista Outra Travessia**, Nº 8, ano 2009: revista de literatura /PPGL/UFSC, ISSN 2176-8552, Florianópolis, Santa Catarina, 2009.

ALVES, Ana Claudia Oliveira Neri. Elio Ferreira de Souza. A escrivivência de Chimamanda Ngozi Adichie em Americanah. In: **Cadernos Cajuína**, v. 3, n.2, 2018, p.85-94.

BONNICI, Thomas. **O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura**. 2. ed. Maringá: Eduém, 2012.

_____. **Pós-colonialismo e representação feminina na literatura pós-colonial em inglês**. Maringá, v. 28, n. 1, p. 13-25, 2006

COLLINS, Patrícia Hill. Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política

emancipatória. In: **Parágrafo**. v. 5, n. 1, jan/jun. 2017

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Trad. Heci Regina Candiani. 1. Ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

_____. **A liberdade é uma luta constante**. Organização: Frank Barat. Trad. Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2004.

GOTLIB, Nádya Battella. **Teoria do conto**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2004.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Mutações da literatura no século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento: Justificando, 2017.

_____. **Quem tem medo do feminismo negro?** 1ª ed.-São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RUIZ, Bibian Pérez. **Maternidade na literatura africana: Mãe África**. Disponível em: <<https://www.alemmar.org/cgi-bin/quickregister/scripts/redirect.cgi?redirect=EkyZZpyuyAftFaWJeL>> Acesso em: 18 ago. 2018.

Recebido em 29 de novembro de 2018.

Aceito em 12 de abril de 2019.